

SANTOS, Debora Raquel dos; SILVA, Eliane Anselmo da; BARBOSA, Raoni Borges. Educação popular e libertação do povo negro: o projeto “arte e negritude” na comunidade nova vida em Mossoró-RN. *RESC Revista de Estudos SocioCulturais*, v2., n.3, março/junho de 2022, p. 102-112, ISSN 2764-4405.

EDUCAÇÃO POPULAR E LIBERTAÇÃO DO POVO NEGRO: O PROJETO “ARTE E NEGRITUDE” NA COMUNIDADE NOVA VIDA EM MOSSORÓ-RN

Popular Education and liberation of the Black People: the “Art and Negritude” Project in the nova vida community in Mossoró-RN

Debora Raquel dos Santos¹

Eliane Anselmo da Silva²

Raoni Borges Barbosa³

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de discutir a Educação Popular como uma chave para a libertação do Povo Negro. A partir da experiência do projeto “Arte e negritude” desenvolvido na Comunidade Nova Vida, na cidade de Mossoró-RN, refletimos sobre a Educação Popular com o objetivo de pensar aproximações para a construção da identidade negra. Partimos da perspectiva da Educação Popular como possibilidade de emancipação do Povo Negro através da concretização de um projeto de sociedade formada historicamente nas experiências dos movimentos sociais no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular. Povo Negro. Identidade Negra.

ABSTRACT: This article aims to discuss the Popular Education as a key to the liberation of the Black People. From the experience of the project “Arte e negritude” developed in the Community Nova Vida, in the city of Mossoró-

¹Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN).

²Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora Adjunto IV do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Orientadora da Pesquisa de Mestrado de Debora Raquel dos Santos.

³Bolsista DCR-CNPq vinculado à FAPEPI. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Coorientador da Pesquisa de Mestrado de Debora Raquel dos Santos. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2437-3149>. E-mail: raoniborgesb@gmail.com.

RN, we reflect on Popular Education with the objective of thinking about approaches for the construction of Black Identity. We start from the perspective of Popular Education as a possibility for the emancipation of the Black People through the realization of a project of society historically formed in the experiences of social movements in Brazil.

Keywords: Popular Education. Black People. Black Identity.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de discutir a Educação Popular como uma chave para libertação do Povo Negro. Problematiza, para tanto, uma experiência sociopolítica na Comunidade Nova Vida, localizada na cidade de Mossoró-RN. Nessa perspectiva, destaca reflexões e conceitos sobre a Educação Popular e a construção da identidade negra, buscando caminhos possíveis para uma Educação libertadora, emancipatória, que proporcione aos negros e negras acesso à sua verdadeira história. E que assim possam valorizar e construir a sua identidade étnico-racial. E que sejam capazes de realizar a transformação social e racial dos sujeitos em vulnerabilidade.

Como base teórica utilizaremos *Educação como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2002), *A educação popular* (BRANDÃO, 1986), *Educação popular e identidade Negra: opressões, reflexões e a libertação de sujeitos livres* (COSTA, 2020) e *Educação Popular Negra: um estudo a partir da relação da juventude negra com o jongo no morro da serrinha. Opressões, reflexões e a libertação de sujeitos livres* (SILVA, 2019).

Esses autores são centrais para a construção do argumento deste artigo, pois abordam os conceitos de Educação Popular e como essa ferramenta pedagógica contribui para o processo de formação do sujeito como uma chave de libertação dos Povos Negros. Além disto, esses autores analisam como a Educação Popular contribui na construção da identidade étnico-racial.

O conceito de Educação Popular é bastante amplo e mobiliza discussões nacionais que fermentam a esperança das classes populares de um novo mundo possível. A Educação Popular está entrelaçada com a consciência de classe que atravessa a cultura popular, os saberes populares e a liberdade das pessoas que são reprimidas pelas desigualdades sociais e raciais (COSTA *et al.*, 2020).

Este trabalho foi metodologicamente construído a partir de revisão teórica conceitual bibliográfica (GIL (2002), enfatizando o enquadramento das noções de Educação Popular, Povo Negro, Emancipação, Consciência de Classe, Cultura Popular, Arte e Educação, Negritude, entre outros. Este lastreamento conceitual orientou a produção de relato da experiência do

Projeto Social 'Arte e Negritude', desenvolvido em ambiência escolar do bairro mossoroense Dom Jaime Câmara / Conjunto Nova Vida.

O artigo se organiza em dois momentos: o primeiro se dedica à imersão teórica, aprofundando a noção de Educação Popular Negra como instrumentário e projeto político transformador e emancipador pautado nas experiências dos movimentos sociais no Brasil (SILVA, 2019); enquanto o segundo apresenta os resultados da imersão etnográfica no campo de pesquisa.

EDUCAÇÃO POPULAR

Para esta abordagem social de educação, como aporte teórico principal utilizaremos os conceitos básicos de Educação Popular a partir das contribuições dos autores destacados acima, com destaque para Freire:

A Educação Popular visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do sujeito. A conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa (FREIRE, 2002).

Freire entende que a Educação Popular visa a formação de sujeitos capazes de transformar a sua realidade social, de construir sua própria educação com o objetivo de propiciar uma intervenção constante na comunidade, tornando os sujeitos cidadão e cidadã e agentes protagonistas da transformação.

Nesse sentido, a Educação Popular abre um leque de possibilidade para a construção de conhecimento. E todo esse processo faz parte da convivialidade, das experiências e vivências cotidianas, o que promove habilidades e conhecimentos, mais autonomia, e proporciona uma educação libertadora e emancipatória como caminho para um novo mundo possível.

Brandão (1986) aponta que a Educação Popular teve início por meio de Movimentos Sociais que provocavam o debate e construía propostas de ensino que atendessem as demandas das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Esses fatores sociais eram demarcados nas vivências cotidianas, levando em consideração o contexto sociocultural dos educandos.

Os Movimentos Sociais estavam envolvidos com a transformação social das pessoas e na luta pela superação das estruturas opressoras da sociedade, o que contribuía para a construção de uma consciência política. Esse processo de acúmulo de massa crítica foi fundamental para a construção das concepções de Educação Popular.

A partir das lutas e mobilizações dos Movimentos de Educadores por meio do Movimento de Educação de Base e o Movimento dos Trabalhadores

Rurais Sem Terra (MST), muitas contribuições no que se refere à Educação Popular foram efetuadas. Por mais que o Movimento tenha surgido bem antes, este ganhou mais força política e social nos meados dos anos de 1960, no contexto de resistência à Ditadura Militar.

De acordo com Silva (2019, p. 74):

A concepção de Educação Popular como possibilidade de emancipação que visa a concretização de outro projeto de sociedade se formou historicamente nas experiências dos movimentos sociais no Brasil. Tendo como contexto a luta de classes no início do século XX, propondo um projeto alternativo ao sistema capitalista.

Desta maneira, a Educação Popular tinha como foco a defesa de uma sociedade justa e igualitária para os grupos oprimidos, e que esses grupos alcançassem a consciência de suas realidades e dos desafios presentes em suas vidas. Seguindo essa linha de pensamento, a educação era responsável por buscar estratégias para realizar as transformações sociais a favor das massas populares e em situação de extrema pobreza.

Para que essa transformação fosse possível, havia alguns debates centrais (FREIRE, 2002) que traziam a discussão de que a Educação Popular compreendia todas as pessoas como produtoras de conhecimento a partir de seus contextos, respeitando as diversidades culturais, o conhecimento popular e suas habilidades trazidas na sua história de vida. Nessa perspectiva, a educação libertadora e emancipatória estava diretamente ligada com os Movimentos Sociais e Sindicais. Era também um método comum aplicado em diversos projetos sociais, escolas do campo, escolas de Movimentos Sociais, entre outros espaços, que são abordados na pedagogia de Paulo Freire.

Costa (2020) afirma que a Educação Popular e os Estudos Culturais têm sido muito importante nos últimos tempos. O autor compreende que as concepções de Educação Popular foram construídas na história da educação ao longo tempo, levando em consideração os saberes populares dos povos, as realidades sociais, econômicas e culturais para um novo caminho de construção de conhecimento a partir das práticas e vivências cotidianas individuais e coletivas.

Esta educação gerava impacto principalmente quando chegava nos espaços periféricos, sendo valorizadas, então, as diversidades raciais e culturais. Dessa forma, esses fatores podem contribuir na construção da identidade étnica e no processo da emancipação social.

Partindo do entendimento de que a Educação Popular proporciona um espaço rico em diferentes culturas e diversas identidades, e com base nos estudos sobre este modo de educação, ela também contribui na construção crítica da visão do mundo, a partir de problemas ou temas gerais, como, por exemplo, a identidade negra. De acordo com Oliveira

(2004), as identidades são construídas nas relações que se constituem com os grupos em que os indivíduos fazem parte, na busca dos diversos e diferentes semelhanças do seu convívio cotidiano.

E nessa vivência os espaços de educação estão presentes. E é nele que os grupos se entrelaçam. E a partir disto se inicia o processo de socialização, de autoafirmação, de construção de identidade. E nesses diversos grupos cada pessoa tem a sua identidade, pois não se tem uma identidade estável para todas as pessoas.

As identidades vão se construindo e não são iguais, e estão sujeitas a mudanças (HALL, 2006), seja nas questões sociais, políticas e culturais. Portanto, faz-se necessário fortalecer as discussões sobre a Educação Popular e as identidades negras como uma alternativa capaz de construir uma Educação Popular antirracista, contribuindo na formação do sujeito e na construção da identidade da população negra.

EDUCAÇÃO POPULAR NEGRA

Com base nas questões discutidas sobre a Educação Popular, compreende-se que a educação está implicada nos processos mais elementares de socialização: as relações de ensino e aprendizagem são abrangentes e se realizam mutuamente nas vivências e experiências de onde o conhecimento é produzido (SILVA, 2019). Nessa perspectiva, o conhecimento adquirido serve como base para a construção de outras formas de saber. De acordo com Silva (2019, p. 74):

A teoria crítica marxista compreende que o homem transforma, sim, a realidade, produz, sim, conhecimento a partir da experiência, mas a realidade objetiva o condiciona. Logo, o conhecimento é produzido em uma dada realidade, formando uma educação específica. Em outras palavras, quero dizer que a educação é um conhecimento “formatado” com uma intencionalidade específica, ou seja, moldada para atender a determinadas exigências históricas, sociais, políticas e econômicas.

Para Silva (2019), a educação é um conhecimento intencionado para cumprir exigências socioculturais, portanto inscrito dialeticamente, sendo uma ferramenta utilizada para interpretar e transformar a realidade de uma determinada maneira na medida em que se transforma e se desdobra em novas formas de conhecimento. Nesse sentido, pode-se dizer que a educação promove a libertação (SILVA, 2019).

Com base nesse entendimento e no que se refere à Educação Popular Negra, não se trata de um conceito concreto sobre essa educação. Porém, a autora, - a partir da sua experiência sobre as práticas educativas e antirracistas do Movimento Negro e das manifestações culturais vivenciadas e observadas no Morro da Serrinha pela juventude que lá morava ou que frequentava, - passou a compreender as especificidades na

educação construída pela base social e desde então problematiza teoricamente um conceito de Educação Popular Negra. Destaca, contudo, que havia alguns impedimentos para essa teorização da hipótese da EPN – Educação Popular Negra. Nas buscas bibliográficas, Silva (2019) constatou que essa terminologia e esse conceito nunca foram apresentados; e o que ela encontrou mais aproximado ao tema foi nos escritos de Ivan Lima (2017), que indicavam que o Núcleo de Estudos Negros tinha feito uma leitura da cultura negra e da educação do negro em uma perspectiva dialógica com os Movimentos Populares.

Silva (2019) afirma que a Educação Popular é marcada principalmente pelas organizações e pela luta dos Povos Negros, pelo fato de terem contribuído de forma significativa com as lutas sociais. Dessa forma, afirma que o Brasil é majoritariamente negra e com forte influência da herança africana. Apesar disto, no Brasil os saberes e as organizações do Povo Negro ainda não são valorizados. Esses desafios dificultam os reconhecimentos desses saberes como uma Educação Popular Negra. Silva (2019, p. 74) aponta que:

[...] A Educação Popular Negra é originária das manifestações culturais de matrizes africanas, resguardada pelos africanos na chegada às Américas, forjada em contexto de Diáspora, fruto do tráfico negreiro. É importante pontuar que a Educação Popular Negra foi construída em contexto de Diáspora, porque a isso se impregnam as potencialidades de resistência” combate e resistência na luta por emancipação e autonomia, na conquista por mobilidade social e econômica.

De acordo com a autora, a Educação Popular Negra surge a partir das organizações e manifestações originárias dos Povos Negros, enfatizando que, no contexto histórico desta população, sempre estiveram em luta por uma vida digna, em busca da sua emancipação e autonomia. E, com base na vivência da autora na comunidade, ela passou a refletir sobre as manifestações da cultura negra, - que no caso era o *jongo*, o *samba*, o *maracatu*, o *coco*, a *capoeira*, o *charme* e o *funk*, - e a enxergar essas atividades culturais como uma Educação Popular Negra com um grande potencial de transformar realidades da vida das pessoas envolvidas nesse contexto.

Além disso, a autora destaca também que essas experiências provocaram a busca de realizações de objetivos profissionais e sonhos a partir de um reconhecimento nas tradições de matriz africana, como também de um movimento de resistência frente à “dureza” que se colocava na vida para a população negra no Brasil e, nesse caso específico, para a juventude negra do subúrbio carioca (SILVIA, 2019).

Com base nas concepções e contribuições sobre Educação Popular trazidas pelos autores ao longo deste trabalho; e com base nas minhas

experiências enquanto jovem protagonista e educadora social na Comunidade do Nova Vida, na cidade de Mossoró - RN, mediante vivências em Projetos Sociais, nos diálogos e na socialização das histórias de outras pessoas negras que estão presentes nestes espaços, passei a refletir sobre como as práticas Educativas Populares desenvolvidas pelas instituições sociais, além de contribuir na formação dos sujeitos, tinham grande potencial de transformar a realidade das pessoas que ali contribuía e construía conhecimentos, podendo ser este um caminho para a libertação do Povo Negro e na construção da identidade étnico-racial.

Nas participações em atividades de combate ao racismo, - no papel social e no lugar de fala de jovem protagonista, - foi possível ter as minhas primeiras concepções sobre o *racismo*, *minha cor*, e a passar por um processo complexo de aceitação que ressignificou a minha vida. Através de Projetos Sociais que trabalhavam na perspectiva de uma Educação Popular discutindo o racismo, passei a me reafirmar enquanto mulher e negra. Desde então passei a me reconhecer e reafirmar a minha identidade negra. E, para além disso, ter a oportunidade de ser educadora e atuar na comunidade me permitiu fortalecer a defesa dos Direitos Humanos e a luta pelo combate ao racismo.

EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO POPULAR

Os Projetos Sociais eram desenvolvidos pelo *Grupo Mulheres em Ação*, localizados no bairro Dom Jaime Câmara, no Conjunto Nova Vida, na cidade de Mossoró - RN, em parceria com o Programa Criança Esperança, que é uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a UNESCO, e que tem como foco a mobilização social em busca de transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

O projeto “Arte e Negritude”, realizado durante o ano de 2018, foi financiado pelo Programa Criança Esperança e tinha como objetivo discutir a Lei 10.639/2003 sobre o conteúdo programático do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, ressignificando a contribuição do povo negro para a História do Brasil por meio da arte e cultura, em escola urbanas e rurais.

O projeto possibilitou levar essas discussões por meio das oficinas temáticas voltadas para o combate ao racismo, oficinas de danças, grafite, música, contação de história e teatro. Todas as atividades estavam diretamente relacionadas com as discussões sobre o racismo e a história do Povo Negro.

Nesse sentido, o relato daquela experiência se concentrará, em específico, no desenvolvimento das oficinas temáticas. As atividades

aconteciam semanalmente em escolas localizadas em áreas urbanas e rurais na cidade de Mossoró - RN e na cidade de Governador Dix-Sept Rosado - RN.

Metodologicamente as oficinas foram pensadas para cada faixa etária. É importante destacar que as oficinas temáticas eram ofertadas para as turmas do 6º ao 9º. Nesse sentido, a metodologia correspondia a cada faixa etária: com as turmas de 6º e 7º ano foi feito o trabalho da construção de fanzine⁴, cartazes e poesia; com as turmas de 8º e 9º anos trabalhamos a literatura de cordel e exibição de vídeos e documentários, e utilizamos a música como uma forma de se trabalhar o racismo por meio da análise das letras de forma contextualizada, como, por exemplo, os gêneros musicais Rap, Reggae (a pedidos do educandos), porque eram bem presente nas comunidades tanto na periferia como em comunidades rurais.

Por mais que as atividades acontecessem em escolas tradicionais, o projeto possibilitou formações com os educadores/as para que fosse possível trabalhar com a pedagogia de Paulo Freire com base na teoria da Educação Popular, isto é, com uma linguagem acessível e de fácil entendimento, valorizando os saberes dos/as jovens, suas vivências cotidianas, potencializando as suas experiências e fortalecendo as discussões sobre o racismo.

Nesse contexto, através da atividade das oficinas temáticas de combate ao racismo, foi possível trabalhar as várias manifestações do racismo na sociedade, como, por exemplo, na cultura, na mídia, na escola, nos livros didáticos, entre outras facetas do racismo. Para além disso, foi possível, por meio deste projeto, trabalhar outras questões importantes durante as oficinas, tais como machismo e a violência enfrentada pelas mulheres, levando em consideração o contexto de violência contra as mulheres no Brasil, a temática da igualdade de gênero, da sexualidade, da LGBTfobia e da identidade da juventudes rural, pois a maioria dos jovens participantes das oficinas sugeriram discutir sobre essas temáticas.

Durante as oficinas temáticas, vários relatos importantes sobre o racismo foram surgindo, dentre os quais considerei dois de extrema importância: o primeiro aconteceu quando eu estava facilitando a atividade, e como esses momentos aconteciam na sala de aula, uma vez ou outra

⁴ A palavra fanzine vem da contração da expressão em inglês fanatic magazine, que significa em português revista de fãs. E o que isso significa? Significa que os fanzines são publicações feitas por pessoas e para as pessoas que gostam de um determinado tema em comum, sejam elas amadoras ou profissionais. Por seu conteúdo depender exclusivamente da paixão do fanzineiro – é como são chamados as pessoas que publicam fanzines – pelo tema abordado, praticamente existem fanzines sobre qualquer tema que você puder imaginar: ficção-científica, música, literatura, culinária, aeronaves, e inúmeros outros, abordados sob as mais diversas formas: contos, poesias, documentários, quadrinhos e entre outros. Disponível em: <https://fanzineexpo.wordpress.com/o-que-e-fanzine/>.

alguns professores acompanhavam esses momentos, e em um desses momentos estávamos discutindo como o racismo é estruturante na sociedade e acontece em diversas formas, e nessas diversidade vários educandos/as foram relatando sua vivência cotidiana com o racismo. Vários relatos foram ouvidos, como:

Professora, quando eu entro na loja tal, o segurança me persegue.

Professora, quando a polícia vem aqui na minha rua, vai todo mundo para a parede, porque nós é tudo preto.

O professor que acompanhava a atividade, que era negro, pediu para falar e disse:

Débora, eu, quando eu era mais novo, uma vez entrei em uma loja e o segurança me acompanhou, ficou no meu pé até eu passar no caixa. Eu fiquei calado porque não sabia o que ele queria, mas, só agora, nesse momento, que estou descobrindo que aquela situação que eu passei se tratava de racismo.

O segundo relato foi de uma educanda do 6º ano, que se emocionou ao ver imagens de meninas com o cabelo Black espalhados entre as cadeiras na roda de conversa e ao questionar sobre o sentimento ela relatou o seguinte:

Eu nunca ouvi ninguém falar sobre um cabelo que é igual ao meu, mas eu tenho vergonha de usar ele solto, porque todos do colégio mangam de mim.

Diante desses dois relatos percebemos a necessidade de se trabalhar a lei 10.639/03 na perspectiva de discutir o racismo, contando a verdadeira história do Povo Negro e valorizar as diversidades étnico-racial dentro do contexto educacional. Nesse sentido, o projeto possibilitou que os/as educandas/os pudessem conhecer a verdadeira história do Povo Negro sendo contada não pelo lado do opressor, mas, sim, pelos oprimidos e escravizados.

Discutimos, nas oficinas, as importantes contribuições que o Povo Negro trouxe para o nosso país, tal como exigido na Lei nº 11.645/2008. Esta Lei inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. O nosso projeto também trabalhou, além da cultura negra, a cultura indígena brasileira e como esses povos contribuíram para a formação da sociedade brasileira.

Muitas dificuldades foram surgindo no início do projeto, como, por exemplo, ao entrar em contato com as escolas para oferecer e apresentar o projeto, alguns gestores tinham dificuldade de compreender a Lei, porém todos e todas gestores das escolas aceitaram o projeto e o desafio de aprender no dia a dia as questões relacionadas ao racismo. Muitos docentes também tinham dificuldade de trabalhar com a Lei 10.639/2003 e com a Lei 11.645/2008, atribuindo essas leis apenas ao dia da Consciência

Negra, o “20 de novembro”, e o “Dia do Índio”, mostrando o quanto se faz necessário o debate sobre as leis nas formações com professores/as e que estas precisam acontecer de forma continuada.

Aprendemos com esse projeto, portanto, que o debate racial precisar ir além das salas de aulas, pois diante dos relatos do/a educando/a notamos que o racismo é presente em todas as esferas da sociedade, principalmente na escola. E as periferias e as comunidades rurais são os espaços geográficos que mais sofrem com a violência e o racismo, mas são nesse mesmo lugares que as formações e os debates não chegam. Nos deparamos com muitos dos/as jovens que não compreendiam o que era racismo, mas sentiam a discriminação.

Este projeto foi muito importante para as comunidades atendidas, pois levou a Educação Popular por meio de formações e debate racial para as escolas das periferias e das comunidade rurais, o que contribuiu significativamente no processo de ensino e aprendizagem dos/as educando/as beneficiados com as oficinas temáticas, como também contribuiu no processo de autoafirmação das/os jovens que, até antes do projeto, não se reconheciam enquanto pessoa negra, mas a partir do projeto passaram a valorizar mais a sua estética, aceitando assumindo o seu cabelo, seja ele crespo ou cacheado.

O projeto também foi muito importante para as juventudes rurais, porque através das discussões nas oficinas temáticas muitos jovens se reafirmaram enquanto jovem rural, compreendendo que essa juventude é muito discriminada pela sociedade como sendo de sujeitos de conhecimento atrasado por morarem em áreas não urbanas ou não modernizadas. A partir do projeto, com efeito, conseguimos discutir a identidade das juventudes rurais e mobilizar processos de autoafirmação para desconstruir estigmas.

Ao final do projeto foram realizados dois grandes festivais, um na cidade de Mossoró, no Conjunto Nova Vida, e outro na cidade de Governador Dix-Sept Rosado. Os festivais contatam com a exposição de todos os trabalhos construídos durante o projeto. Ocorreu a apresentação de dança, teatro, contação de história, música, exposição e distribuição dos fanzine produzidos nas oficinas temáticas.

Tivemos muitas conquistas durante o projeto: uma delas foi a de poder contribuir no processo de autoafirmação da identidade negra; conseguimos que muitos jovens se reconhecessem como pessoas negras, tendo essas conquistas como fator primordial do projeto.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática história e cultura afrobrasileira, e dá outras providências).

COSTA, Thiago Batista et al. Educação popular e identidade Negra: opressões, reflexões e a libertação de sujeitos livres. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Temas em debate. Estud. av.** 18 (50), 2004.

SILVA, Evelyn Melo da. **EDUCAÇÃO POPULAR NEGRA: um estudo a partir da relação da juventude negra com o jongo no morro da serrinha**. 2019.